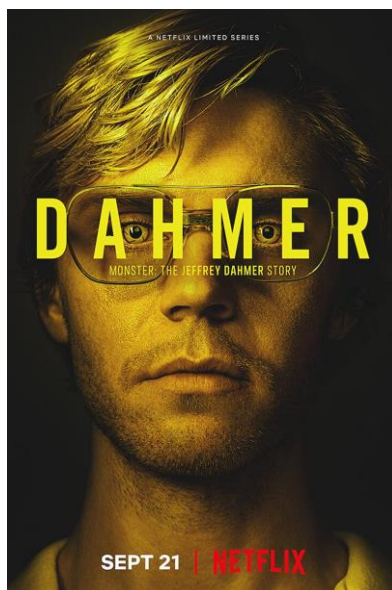


## ***Dahmer: Um Canibal Americano* – O dilema ético-estético do *killer thriller* contemporâneo**

Bernardo Demaria Ignácio Brum<sup>1</sup>



Cartaz da série *Dahmer: Um Canibal Americano* (2022). Fonte: Reprodução/Netflix.

**Resumo:** Nesta crítica, aborda-se a série *Dahmer: Um Canibal Americano* (2022) como um marco do atual panorama dos produtos culturais sobre a temática *serial killer*, trocando a inspiração pela adaptação direta. Mesmo não sendo o primeiro filme sobre o criminoso, seu sucesso e impacto cultural levantaram debates por conta de sua abordagem, com a utilização de elementos formais do gênero suspense na representação de uma história real sendo discutida aqui.

**Palavras-chave:** Assassinos em série; Séries de Televisão; Representação Cinematográfica; Adaptações; Crimes Reais.

### ***Monster: The Jeffrey Dahmer Story* – The ethical-aesthetic dilemma of the contemporary murder thriller**

**Abstract:** The series *Monster: The Jeffrey Dahmer Story* (2022) is approached as a landmark of the current panorama of cultural products about the thematic serial killer, changing inspiration for direct adaptation. Even though it was not the first film about the criminal, its success and cultural impact raised debates due to its approach, with the use of formal elements of the suspense genre in the representation of a real story being accommodated here.

**Keywords:** Serial Killer; TV Series; Cinematographic Representation; Adaptations; True Crime.

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com bolsa do CNPQ. Atua como crítico de cinema desde 2009. Entre suas áreas de interesse estão a questão de ideologia e discurso na arte e a questão da representação social no cinema. Organizador do Simpósio Discente Territórios, Tecnologia Cultura no PPGCOM-UERJ.

A série *Dahmer: Um Canibal Americano* (2022) foi produzida por Ryan Murphy, um dos mais prolíficos e bem-sucedidos criadores televisivos atuais. Após o sucesso inicial das séries *Nip/Tuck* (2003-2010) e *Glee* (2009-2015), o criador se reinventou como autor de outros gêneros com *American Horror Story* (2011 –). A partir de *American Crime Story* (2016 –), Murphy passa a adaptar histórias biográficas, seguido por *Feud* (2017) e *Hollywood* (2020). É também sua segunda produção sobre assassinos seriais após a segunda temporada de *American Crime Story* sobre Andrew Cunanan (1969-1997), que matou o famoso estilista Gianni Versace (1946-1997) e pelo menos mais cinco pessoas.

A obra em questão adapta a vida de Jeffrey Dahmer (1960-1994), um assassino em série que chocou a sociedade estadunidense por praticar necrofilia e canibalismo com suas vítimas, majoritariamente homens homossexuais não-brancos. Os assassinatos atraíram grande atenção midiática, entre livros, filmes, documentários e história em quadrinhos, dentre os quais podemos destacar *A Father's Story* (1994), escrito pelo seu pai, Lionel Dahmer, e o romance gráfico *Meu Amigo Dahmer* (2012), de autoria de Derf Backderf, ex-colega de classe de Dahmer.

*Dahmer* fez grande sucesso, sendo atualmente a terceira série de televisão em inglês mais assistida da plataforma de *streaming* Netflix, concorrendo e vencendo em premiações importantes do audiovisual, como o Globo de Ouro e o inglês BAFTA. Porém, a série foi alvo de polêmica, com familiares das vítimas de Dahmer acusando a plataforma de lucrar com sua dor. Parente da vítima Errol Linsey, Eric Perry declarou em entrevista:

Eu acho que as mídias sociais e a Netflix, combinadas com um produtor renomado e atores, realmente amplificaram [Jeffrey Dahmer] mais do que eu jamais tenha percebido [Dahmer] nunca tinha sido um meme antes. [...] Todos nós estamos a um evento traumático do pior dia da sua vida ser transformado na série favorita para maratona do seu vizinho. E mais importante, se você vai criar algo que usa pessoas e experiências reais, você deveria no mínimo contatar essas pessoas por respeito (Eric Perry apud LOS ANGELES TIMES, 2022).<sup>2</sup>

Estamos, portanto, diante de um produto peculiar. Uma série criada por um produtor de sucesso, com nomes famosos no elenco, que esbarra em uma disputa ética: é legítimo abordar para o grande público não apenas narrativas inspiradas, mas adaptações diretas de fatos reais?

A série de Murphy acompanha uma tendência marcante nas narrativas de suspense sobre assassinos seriais: a transição de casos inspirados na vida real, como Norman Bates, em *Psicose* (1960, dir. Alfred Hitchcock), e Buffalo Bill, em *O Silêncio dos Inocentes* (1991, dir. Jonathan Demme), para adaptações diretas da vida real. Antes pouco numerosas, como *O Homem que Odiava as Mulheres* (1968, dir. Richard Fleischer), *O Estrangulador de Rillington Place* (1971, dir. Richard

<sup>2</sup> *Critics of Netflix's controversial 'Dahmer' open up about lack of 'respect' they felt.* Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment-arts/tv/story/2022-09-30/netflix-monster-jeffrey-dahmer-story-controversy-victims-eric-perry-rita-isbell>. Acesso em: 29 mai. 2023.

Fleischer) e *Henry – Retrato de um Assassino* (1986, dir. John McNaughton), produções que representam personagens reais de maneira assumida passaram a se avolumar a partir do século XXI. Entre elas, podemos citar os casos dos filmes *O Verão de Sam* (1999, dir. Spike Lee), *Memórias de um Assassino* (2003, dir. Bong Joon-ho), *Monster – Desejo Assassino* (2003, dir. Patty Jenkins), *Zodíaco* (2007, dir. David Fincher), *Os Crimes de Snowtown* (2011, dir. Justin Kurzel), *O Despertar de um Assassino* (2017, dir. Marc Meyers), *Ted Bundy: A Irresistível Face do Mal* (2019, dir. Joe Berlinger), *O Bar Luva Dourada* (2019, dir. Fatih Akin) e *O Enfermeiro da Noite* (2022, dir. Tobias Lindholm), e da série *Mindhunter* (2017-2019).

Essas obras compartilham com *Dahmer* algumas características comuns à construção dos *serial killers* e seu perfilamento por agências de inteligência. Entre essas características, Casoy (2014) cita traumas de infância, crueldade com animais ainda jovem, serialidade espaçada dos assassinatos, sua assinatura, e a escolha de vítimas, bem como a motivação para os assassinatos, que podem ser sádicas, emocionais, missionárias ou visionárias. Podemos ver, no caso da série de Ryan Murphy, a construção de *Dahmer* seguindo esse roteiro de marcos composicionais, com momentos como o divórcio dos seus pais; sua alienação de outros colegas de classe; sua fascinação por cadáveres; sua excitação em praticar atos cruéis com vítimas incapazes de reagir; e a preferência por homens homossexuais não-brancos, pobres e periféricos.

A caracterização do assassino em série no cinema é um problema para Tyrell (2001, p. 276), sendo muitas das vezes apresentado como “desviante” da norma de ser um homem, heterossexual e branco; *O Silêncio dos Inocentes* (1991), por exemplo, sofreu críticas por apresentar Buffalo Bill ansiando fazer cirurgia de redesignação sexual. Para a autora, o assassino em série na verdade é banal porque “ele não é apenas uma ameaça ordinária ou rotineira, mas também sua identidade é tão comum quanto anódina, neutra e padrão”.

Dentro dessa questão, *Dahmer* apresenta um *serial killer* fora da norma, que causou controvérsia por ser classificado, entre outras categorias, como uma “série LGBTQ”<sup>3</sup>, o que poderia, de certa forma, associar homossexualidade à criminalidade. Ao mesmo tempo, uma crítica imbuída no discurso da série é que *Dahmer*, por ser um homem branco, conseguiu matar dezenas de homens negros sem levantar suspeita, graças ao racismo e homofobia estruturais dos Estados Unidos.

A principal problemática é *Dahmer* ser apresentado como um sujeito fascinante para uma narrativa que, como *Mindhunter*, procura ser o mais mimética possível. Os atores principais, como Evan Peters, Niecy Nash, Molly Ringwald e Richard Jenkins, têm uma caracterização fiel às suas

<sup>3</sup> “*Dahmer*”: Netflix remove tag LGBTQ após reações negativas. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/09/29/cinema-e-streaming/dahmer-netflix-remove-tag-lgbtq-apos-reacoes-negativas/> Acesso em: 29 mai. 2023.

contrapartes reais. Vários dos eventos de vida e assassinatos do protagonista são encenados com fidelidade de detalhes. Pode-se pensar que, com o tempo de tela dedicado ao protagonista, há uma motivação em algum grau de empatizar com o assassino; apenas uma das vítimas de Dahmer, Tony Hughes, recebe um episódio que aprofunda sua vida para além de sua condição de vítima.

Também há a questão de como o assassino é colocado na narrativa: em *Psicose*, Norman Bates divide tempo de tela com sua mais famosa vítima, Marion Crane; em *O Silêncio dos Inocentes*, o protagonismo é de Clarice Starling; em *Zodíaco* e *Mindhunter*, os protagonistas são os policiais e investigadores. Não é o caso em *Dahmer: Um Canibal Americano*, em que personagens como Glenda Cleveland, Lionel Dahmer, Reverendo Jesse Jackson e outros são periféricos à vida do personagem.

O formato de dramatização e serialização, além disso, criam uma sensação de conexão com o assassino. Isso se dá através da organização da narrativa audiovisual clássica, na qual, para Ismail Xavier (2003, p. 78), há um duelo entre “desejo” e “código moral”, que acaba sendo resolvido com o espetáculo atuando como uma espécie de “válvula reguladora”, canalizando a violência inconsciente. O autor ainda elogia Hitchcock (p. 73), por exemplo, ao citar como, ao enfrentar essas tensões, seus filmes atravessam “o binômio transgressão e culpa” e assumem uma dimensão reflexiva, “trazendo o cinema e seu espectador para o centro da discussão”. Em relação à serialização, há a problematização de Umberto Eco (1989) sobre a questão de assistir a uma narrativa de maneira cíclica:

Na série, o leitor acredita que desfruta da novidade da história enquanto, de fato, distrai-se seguindo um esquema narrativo constante e fica satisfeito ao encontrar um personagem conhecido, com seus tiques, suas frases feitas, suas técnicas para solucionar problemas... A série neste sentido responde à necessidade infantil, mas nem por isso doentia, de ouvir sempre a mesma história, de consolar-se com o retorno do idêntico, superficialmente mascarado (ECO, 1989, p.123).

É o que acontece com muitas das cenas de *Dahmer*; os episódios recortam momentos de quando o protagonista era jovem, por exemplo, e conecta-se com seu pai quando ambos empalham um animal encontrado morto à beira de estrada; seus traumas com o divórcio dos pais, a ausência do pai, o alcoolismo da mãe. Da mesma forma, torna-se um interesse dramático entender como se desfaz do corpo de Steven Hicks, sua primeira vítima, e como o mesmo conflito, a partir desse primeiro caso, torna-se uma repetição constante através do formato serializado: como, do ponto de vista do assassino, ele consegue escapar da polícia, levando até mesmo a momentos de tensão tragicômica, como quando a avó de Dahmer descobre uma vítima a quem havia acabado de drogar e o obriga a levá-lo até um ponto de ônibus de volta para casa.

A série pode habitar então duas percepções: como produto televisivo, é uma produção ambiciosa, partindo da dramatização da vida de um criminoso para explorar questões como racismo

e homofobia, com um elenco estelar, produtor renomado e diretores reconhecidos no meio, como Paris Barclay, Jeniffer Lynch e Gregg Araki. Muitos desses diretores, inclusive, têm um histórico de filmes com representatividade negra e/ou LGBTQIAPN+, mostrando uma preocupação de Murphy com temas que seriam abordados na série.

Ao mesmo tempo, porém, as críticas de familiares das vítimas e manifestações de grupos LGBTQIAPN+ mostram que a recepção de sua organização composicional foi problemática para muitos e evidenciam como, no século XXI, o *killer thriller*, o suspense sobre assassinos, ao aproximar-se ainda mais da realidade, enfrenta a olhos vistos os dilemas de encenar crimes verdadeiros, conferindo-lhes a experiência cinematográfica lúdica da ficção.

### Referências bibliográficas

CASOY, Ilana. **Arquivos Serial Killer: Made In Brazil**. São Paulo: DarkSide Books, 2014.

ECO, Umberto. "A inovação no seriado". In: **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 120-139.

TYRELL, Kimberley. The Serial Killer in Cinema. **Alternative Law Journal**, Monash, v. 26, ed. 6, p. 274-277, 2001.

XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

submetido em: 05 jun. 2023 | aprovado em: 23 jun. 2023